



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

Cruzar o muro para escutar: memórias e pertencimento no Quilombo Flores (Porto Alegre, RS)

Luiza de Britto Dorneles



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

DORNELES, Luiza de Britto. Cruzar o muro para escutar: memórias e pertencimento no Quilombo Flores (Porto Alegre, RS). Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 111-134, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

Cruzar o muro para escutar: memórias e pertencimento no Quilombo Flores (Porto Alegre, RS)¹

Luiza de Britto Dorneles²

Resumo

Nessa pesquisa, os quilombolas Ana Paula Flores Vasconcelos (28 anos), João Batista da Costa Vasconcelos (52 anos), Geneci Lourdes Flores da Silva (43 anos) e Nara Maria de Mello Vasconcelos (59 anos) – do Quilombo Flores (Porto Alegre, RS) – expõem memórias de sua relação com o território. A família sofreu um ataque do Colégio Marista Assunção que, em 2014, construiu um estacionamento em uma área de usufruto da comunidade. A partir de um estudo acerca de quilombo, expansão urbana e memória, identifiquei categorias de pertencimento ao espaço habitado, zonas de conflito e elementos comuns à identidade quilombola.

Palavras-chave: quilombo; Quilombo Flores; memória; cidade.

Abstract

In this research, the quilombolas Ana Paula Flores Vasconcelos (28 years old), João Batista da Costa Vasconcelos (52), Geneci Lourdes Flores da Silva (43) and Nara Maria de Mello Vasconcelos (59) – from Quilombo Flores (Porto Alegre, RS) – expose memories of their relationship with the territory. The family was attacked by Colégio Marista Assunção, which, in 2014, built a parking lot in an area used by the community. Based on a study about the quilombo, urban expansion and memory, I identify categories of belonging to the inhabited space, conflict zones and common elements to the quilombola identity.

Key-words: quilombo; Quilombo Flores; memory; city.

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa elaborada pelo autora para seu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que recebe esse mesmo título. A pesquisa completa pode ser verificada em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/229895>. Acesso em 5 de outubro de 2021.

² Hoje autodeclarada pessoa trans não-binária e gênero fluido, Luz Dorneles é jornalista formada pela UFRGS, poetisa, musicista, sonhador e defensora da vida e dos povos oprimidos pelo sistema capitalista.

Aquilombamento. Essa foi uma das formas mais efetivas de sobreviver e resistir à escravização no Brasil (MAESTRI, 2000). Fugindo das amarras da violência e subserviência desumanas, negros e negras refugiavam-se nas matas, preferencialmente detrás das colinas para dificultar o trabalho dos capitães-do-mato. A naturalização e banalização da violência eram tamanhas que perseguir e entregar negros e negras considerados “fujões” era uma ocupação remunerada pelo Estado. Hoje, esses quilombos ainda existem. Muitos estão emergindo a partir da disseminação das informações acerca do que é, de fato, um quilombo. Assim foi com Geneci Flores, liderança do Quilombo Flores. Depois de o território sofrer um ataque de esbulho possessório, Geneci percebe que a história de sua família é muito similar à de outras também negras vivendo em solo urbano que se reivindicam quilombolas. A partir daí, ela inicia a busca por sua ancestralidade, recuperando a trajetória de sua família para preservar sua história e se proteger de uma expansão do território urbano de Porto Alegre que, desde seus primórdios, empurra negros e negras para as periferias da cidade.

Se a máquina da cidade opera desde o centro para construir muros e empreendimentos e expulsar pessoas para suas margens, produzindo relações cada vez mais individuais, a formação das comunidades e do senso de “comum unidade” é em si um contraponto ao modo de ser e pensar individuais criados por essa máquina. “Todo mundo comia, aqui era assim”, afirma Batista, em entrevista realizada para esta pesquisa. Se algumas pessoas que estão no poder concentram a renda que têm, no quilombo as pessoas dividem a menor quantidade de comida que há para que, assim, todos possam comer. “Minha filha, isso aqui é um quilombo!” – respondeu uma mulher na fila de um almoço no Quilombo Lemos quando perguntei se a comida era para todos. “A comida de um é a comida de todos. Aqui é assim”.

É preciso pontuar que a violência causada e sofrida por nossos ancestrais reverbera até hoje em nossos respectivos espíritos e corpos e, conseqüentemente, nas estruturas que criamos, sustentamos e transformamos coletivamente em nossas sociedades (psíquicas, políticas, espirituais etc. – não há separação). As famílias negras que consolidaram sua cultura em território brasileiro cocriam, até hoje, múltiplas formas de resistir às conseqüências destrutivas da escravização – e o aquilombamento, embora repaginado,

reconstruído diante do cenário contemporâneo, segue sendo uma forma efetiva de recuperar ou manter o sentimento de pertencimento que aponta a natureza social da identidade (CARLOS, 2007). A violência brutal escravocrata fruto da ilusão, dessa invenção violenta, de uma suposta superioridade de uma raça diante da outra, é o que constitui o cerne do racismo e a causa raiz do movimento de fugas e formação de quilombos. Eles surgem com uma potência oposta: a do amor, do acolhimento, do afeto.

Quilombo, do bantu, *ki-lombo*

A palavra quilombo é originária dos povos de línguas bantu: *ki-lombo*, aportuguesado quilombo (MUNANGA, 2001) e, de acordo com Côrrea (2010, p. 4), significa “acampamento guerreiro ou fortaleza na floresta”. Palavra de língua *umbundu*, sua construção enquanto organização vai além de sua origem etimológica, sendo resultado de uma longa história de conflitos, migrações, cisões entre grupos. De acordo com Anjos (2006, p. 53 *apud* FELIPE, 2018, p. 78), o conceito de comunidade quilombola surge a partir de povos de matriz africana que ocuparam uma terra para obter autonomia política e econômica. Os quilombos são, portanto, resultado de uma busca por liberdade, e a própria liberdade exercida naquele ambiente seguro constituía uma forma particular de organização social, política e econômica. O movimento de fuga, por si só, era uma negação da sociedade “oficial” opressora que eliminava dos africanos suas línguas, suas religiões, seus estilos de vida, suas possibilidades de ser.

Se a palavra quilombo já era reconhecida inclusive por meios oficiais pelo menos desde o século XVIII, o termo quilombo contemporâneo (ou urbano) surgiu mais tarde, e não há uma única definição acerca do que seja um quilombo urbano. O que se mantém é o espírito de preservação do território étnico “capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver” (ANJOS, 2006 *apud* FELIPE, 2018, p. 78). Da pouca bibliografia que se encontra com o termo “quilombo urbano”, a maior parte define sua formação a partir do êxodo rural de quilombolas em direção aos centros urbanos. Em um processo de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2016), ao chegar e se adaptar ao novo espaço, os e as quilombolas seguiram o movimento de preservação da sua cultura –

agora já transformada, de alguma forma, pelo contato com outros povos em solo brasileiro, alguns indígenas acolhidos por certos quilombos ou os próprios homens brancos.

Na origem de um quilombo urbano, algumas vezes a situação de escravidão se dava mediante a concessão de “posse” de um branco dono de um lote na cidade para as famílias negras viverem e, para isso, essas deveriam prestar serviços à família branca sem remuneração, mantendo-se assim uma relação de poder e propriedade dos brancos sobre os negros que pode ser reconhecida, atualmente, como escravidão contemporânea. Alguns desses territórios seguem ocupados pelas famílias quilombolas até hoje – de acordo com os quilombolas da família Flores, esse é o caso do Quilombo Flores. Como não houve praticamente nenhuma reparação histórica para os negros, negras e indígenas em relação ao período escravocrata e de colonização em nosso País, a maior parte dos lotes de terra onde estão os quilombolas e indígenas são considerados ocupações.

A principal luta que une as mais de três mil comunidades quilombolas distribuídas por todo o País, portanto, é aquela por titulação de seus territórios, ou seja, pela garantia constitucional com proteção legal da posse desses espaços. A questão agrária segue sendo tema de muita disputa política e a história pouco se transformou em termos de redistribuição de terras e renda desde o que conhecemos como regime de sesmarias ou capitâneas hereditárias. Inúmeras foram (e são) as políticas que favoreceram (e favorecem) a concentração fundiária e os interesses dos então sesmeiros cujas terras pertencem, em sua grande maioria, aos seus bisnetos, tataranetos e assim por diante. Enquanto isso, quilombolas urbanos organizam-se em movimentos sociais para defender seus pedaços de terra antes que sejam tomados por construtoras e até mesmo escolas.

Quilombo Flores – o ataque dos maristas

Em uma manhã de 2014, as famílias que moram no Quilombo Flores foram surpreendidas por homens que chegaram com máquinas para derrubar o que conseguissem derrubar – árvores, casas, tudo. Ana Paula Flores Vasconcelos estava sozinha em casa com um filho criança e o outro ainda bebê e enfrentou aqueles homens como pôde. “[...] Daí eles já tavam ali na parede da minha casa, vindo com as máquinas,

foi quando eu saí pra rua com as duas crianças e enfrentei eles sozinha”, ela contou, em uma entrevista realizada para essa pesquisa no dia 23 de fevereiro de 2021, no Quilombo Flores. Os homens em questão estavam, a princípio, trabalhando para o Colégio Marista Assunção e seu objetivo era “limpar” a área para a construção de um estacionamento que, hoje, já está lá. Limpar ou matar porque antes de aquele espaço se tornar concreto para abrigar carros, ali corria a vida. Árvores nativas e frutíferas e um já saudoso campo de futebol – o Caveirinha, como é carinhosamente chamado pela comunidade que ali viveu inúmeros momentos de lazer e prazer que tantos carregam consigo na memória.

Nesse colégio, cuja ação violou os Flores Vasconcellos, estudei dos seis aos quatorze anos. Me lembro de pequenina e curiosa me esticar para enxergar, de dentro do colégio, onde havia uma cancha de futebol de grama sintética, o que havia do outro lado do muro. Era o Caveirinha, o espaço público e aberto em que as famílias se reuniam para brincar, conversar e celebrar a vida. Hoje, é um estacionamento. Para sua construção, foi tomada uma área de cerca de dois terços do território total que antes era de usufruto da comunidade – e não somente da comunidade quilombola, como de tantos vizinhos, vizinhas e pessoas que vinham de longe para jogar uma partida de futebol no Caveirinha. Por isso esse trabalho intitula-se: Cruzar o muro para escutar. Depois que cresci, atravessei o muro, a separação entre os dois mundos, para descobrir que por trás de toda a educação (excelente, diga-se de passagem), com discursos de amor e paz, a mesma instituição que a promove também age de forma extremamente violenta com o quilombo vizinho, colocando as questões comerciais acima das humanas – como diria Lefebvre, o valor de troca acima do valor de uso.

Conversei com o diretor do Colégio Marista Assunção David Hatsek no dia primeiro de abril de 2021 por telefone. Em uma ligação que durou cerca de dez minutos, ele falou que o processo a respeito do conflito envolvendo o colégio e o quilombo corre em sigilo no Superior Tribunal Federal (STF) e que, em função disso, foi orientado pelo jurídico da instituição a não fornecer informações. Como ser humano, reconhecendo também sua humanidade de alguém que agora ocupa um cargo institucional, contei a ele o que vi lá dentro do Quilombo, me posicionei dizendo que sabemos que as pessoas com menos poder aquisitivo acabam também tendo mais dificuldades de acessar os poderes jurídicos e as formas de se defender dignamente. Ele concordou. Parecia um pouco

nervoso na voz, mas senti que ele me escutou, e eu também pude escutá-lo, foi um diálogo. Mesmo assim, não consegui uma resposta formal a respeito de como o Colégio Marista Assunção se posiciona em relação ao fato de ter construído um estacionamento em uma área que era viva, de usufruto de uma comunidade. Nem sequer se os educadores ali presentes, que prestam um excelente serviço educacional e pedagógico, sabem da dor e dos traumas que essa instituição causou a essas famílias.

Objetivos da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada com a finalidade profunda de resgatar e registrar, como forma de preservar, parte da história oral dessas famílias que moram na Manduca Rodrigues, 283, bairro Glória, Porto Alegre (RS). Para isso, utilizei a entrevista aberta em profundidade, realizada com quatro pessoas da família: Ana Paula Flores Vasconcelos (28 anos), João Batista da Costa Vasconcelos (52 anos), Geneci Lourdes Flores da Silva (43 anos) e Nara Maria de Mello Vasconcelos (59 anos). Nessas entrevistas, observo como percebem sua relação com o território onde viveram (e ainda vivem) boa parte de suas vidas. Busquei, nas entrevistas, facilitar o ato de lembrar, através do qual eles nos presenteiam com memórias de suas vivências em diferentes fases de suas vidas no quilombo.

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer as percepções dos remanescentes de quilombolas do Quilombo Flores a respeito de seu território, presentes em suas memórias acionadas pelas entrevistas. Os objetivos específicos foram: identificar, nos depoimentos, categorias de pertencimento ao espaço habitado, apontar zonas de conflito na memória acionada sobre o quilombo e sistematizar, nas entrevistas, elementos comuns à identidade quilombola.

Referencial teórico utilizado

Contextualizo aqui praticamente todas as referências utilizadas na íntegra da pesquisa. Para situar a dimensão do outro e da alteridade na pesquisa (e na vida), autores como Geertz (1926), Foster (1996), Augé (1992), Strauss (1965, 1987), Hall (2006, 2013) e alguns estudiosos desses teóricos como Klinger (2006) e Moriconi (1994) nos auxiliam.

Enquanto referencial teórico para compreender o conceito de lugar, espaço e território, dialogamos com Bourdieu (1997), Haesbaert (2004), Carlos (2007), quem traz à tona ideias de Lefebvre, críticas ao capitalismo, nas quais o autor destaca a vitória do valor de troca (do espaço) sobre o valor de uso. A partir da compreensão do corpo como o primeiro local ao qual pertencemos, bem como o responsável por mediar toda a nossa experiência do mundo, e a casa (ou mesmo as casas, no caso de um quilombo) enquanto nosso segundo local de pertencimento, Tuan (1930) traz à tona o conceito de espaço íntimo, espaço esse berço de memórias. Raquel Rolnik (1995) e Ana Carlos (2007) nos ajudam na compreensão da relação dos sujeitos com a cidade e da cidade com os sujeitos em uma época de constante aceleração, do tempo do fluxo das mercadorias e da dimensão que já tomou o discurso desenvolvimentista.

Para delimitar os conceitos de memória, somos auxiliados por Ecléa Bosi (1997, 2004), autora da área da psicologia social e estudiosa das doutrinas de Bergson (1959) e Halbwachs (1925, 1956, 1964). Finalmente, para pensar e realizar a teoria e a prática da entrevista no trabalho de campo, Medina (1989), Barthes (1982), Duarte (2005) e Bourdieu (1997) auxiliam na construção da dimensão da escuta, da presença e do abrir-se ao outro que se apresenta. Diversos outros autores e autoras também cruzam o caminho desse trabalho que foi construído com vários intervalos de tempo e digressão em uma pandemia. O presente artigo, no entanto, não aprofunda nas reflexões teóricas construídas. Recomenda-se a leitura do trabalho e das entrevistas na íntegra.

As entrevistas

Quando cheguei, em uma tarde de terça-feira, para entrevistar a Ana, a Nara, a Geneci e o Baptista, já fazia pelo menos dois anos que eu frequentava o Quilombo Flores. Não era uma pesquisadora ou repórter qualquer se aproximando da família. Já havíamos criado laços de confiança e ela foi fundamental pra que as conversas fluíssem da melhor forma possível – sem medo. Diante de uma necessidade construída pela antropologia do exercício constante da vigilância epistemológica, ali havíamos estabelecido um espaço de tranquilidade para ser, escutar a intuição, deixar fluir o diálogo, inclusive nos possíveis erros que poderiam surgir durante o caminho – o que nos torna, afinal, fundamentalmente

humanos por causa e apesar das nossas diferenças. No processo de escuta, seria muito simplista, aliás, reduzir o outro à sua diferença.

O outro é um universo com suas complexidades, singularidades, subjetividades e é justamente no reconhecimento da humanidade do outro que também me reconheço. Em uma humanidade que nos coloca em pé de igualdade a ponto de não haver sentimentos de inferioridade ou superioridade por nenhuma das partes envolvidas em uma troca interativa ou “diálogo possível” (MEDINA, 1989), apenas um olhar e uma escuta abertos a sentir quem se apresenta independentemente de quem for. Sem desconsiderarmos, é claro, os marcadores sociais cuja ação, por sinal, fica explícita em tantas respostas presentes nas entrevistas. Por isso, mesmo que haja real e verdadeira intenção de, em uma entrevista, ambas as partes estarem lado a lado, partilhando um momento de troca – fala e escuta mútuas – sobre determinado tema, não estamos livres dos recortes sociais que nos levaram a caminhar distintos percursos pela vida até chegar aqui-agora ao momento da entrevista, tornando a estrutura da relação entrevistador-entrevistado, portanto, necessariamente assimétrica. Por mais aparentemente paradoxal que seja, senti que o fato de nos conhecermos e reconhecermos havia cerca de dois anos transformou o momento de entrevista em algo íntimo e tranquilo e busquei exercer, aqui, uma escuta possível.

Cheguei no quilombo dia 23 de fevereiro, quando entrevistei Geneci, e voltei no dia seguinte para continuar as entrevistas com a Ana Paula, a Nara e o Batista. Entrei com uma máscara em respeito às medidas de segurança impostas pelo coronavírus. Como só eu estava de máscara, tive uma sensação esquisita de distanciamento, de uma leve barreira na intimidade, mas relevei e segui adiante. Em minhas mãos segurava um caderno, uma caneta, a câmera fotográfica e algumas mudas de boldo e pitanga. No bolso, o celular que serviu de gravador. Só. Na folha do caderno estavam algumas poucas anotações – o título do trabalho e a data, o objetivo da pesquisa, a pergunta geradora e algumas palavras-chave para retomar o foco caso a narrativa fugisse muito do objetivo da pesquisa: espaço, território, corpo, memória, lembrança. Fui recebida – como sempre sou – pela Geneci, com quem mantenho contato. Conversamos brevemente sobre a vida e o momento de pandemia, pegamos algumas cadeiras e já fomos nos direcionando para os fundos, debaixo de uma árvore enorme que abraça parte do território com sua sombra.

Uma árvore grande e anciã que guarda o Quilombo Flores há dezenas, talvez centenas de anos. Um espaço mais do que propício para contar histórias...

Diante do emaranhado de tantas histórias compartilhadas, precisei recortar algumas. A análise a respeito do conteúdo das falas é breve, permitindo que o destaque seja as próprias falas de Geneci, Nara, Batista e Ana Paula durante o processo de entrevista. Nos trechos que se encontram em recuo, destaco algumas frases em negrito de falas que retomo (ou não) logo em seguida, no momento de análise. Aqui, todas as inserções que aparecem entre parênteses nas falas em recuo são grifos e sinalizações minhas.

Os relatos estão distribuídos entre cada respectiva categoria de pertencimento ao território elencada. São elas:

- a) Ancestralidade: memórias de pai e mãe;
- b) Infância em natureza: brincadeiras no verde da mata;
- c) Bairro que cresce: a pequena cidade na cidade;
- d) Destruição, conflitos e solidariedade: do incêndio no território ao conflito com os maristas;
- e) Ser quilombola: o resgate da história pela autoidentificação

Figura 1 – Quilombo Flores reúne a família para celebrar o dia da mulher em 8 de março de 2020.



Fonte: a autora (2020).

Ancestralidade: memórias de pai e mãe

A ancestralidade nos remete a toda uma herança cultural e genética, de memórias inclusive celulares que carregamos enquanto seres humanos que, só para estarmos aqui agora, dependemos do trabalho de muitos e muitas avós. Quando o povo africano reconhece os idosos como bibliotecas, tradicionalmente honra e respeita muito os mais velhos. Na árvore genealógica da família Flores, Geneci, Nara e Batista saíram do mesmo ventre – o de Dona Rosa. Já seu Adão, apesar de geneticamente não ser pai de Nara e Batista, é considerado e chamado por todos eles de pai. Para resgatar alguns legados, perguntei a eles suas memórias das relações com pai e mãe – e a ancestralidade está presente em praticamente todas as suas respostas, para além das perguntas sobre pai e mãe, algo que ficará evidente a seguir. Há também, nas falas, para além das relações

vividas com seus ancestrais, uma consciência a respeito das heranças de dor e acolhimento deixadas por seus bisavós e tataravós escravizados.

Eu acho que são coisas que já vêm dessa ancestralidade, o povo preto, o povo escravo sempre foi um povo acolhedor né, então isso já tá no sangue, né, já tá no sangue, na verdade. Se tu for na periferia lá, tu vê a dificuldade das pessoas, as pessoas dividindo o pouco que têm com outras, já é um, já vem já, isso daí é coisa que já vem já. Já vem porque o preto quando era escravo um dependia do outro, um precisava do outro entendeu? Um lutava pelo outro. Então, são coisas que já vêm, já é da ancestralidade, já é sua história, já é sua resistência, entendeu?³

Geneci comenta que dona Rosa adoeceu gravemente depois do ataque dos maristas e da construção do muro. Ela precisou parar de trabalhar, se aposentou, ficou de cama, precisou receber comida na boca, usar fraldas. Conta Geneci que ela se abalou tanto que não queria mais viver. – “Na cabeça dela, ela ia ter que ir pra rua com os filhos. Por isso que ela se deprimiu” (SILVA, 2021). Para além de seus momentos finais da vida – que, por sinal, se encerrou durante a realização dessa pesquisa – dona Rosa é lembrada por seus filhos Batista, Geneci e Nara de diferentes formas. Ela trabalhou a vida toda com serviços gerais no posto de saúde do bairro Glória, casou duas vezes, criou oito filhos, frequentou terreiro, frequentou igreja e viveu grande parte da sua vida no Quilombo Flores.

Minha mãe nunca fez trabalho social, mas minha mãe se tinha uma pessoa precisando de alguma coisa que ela tinha, um quilo de arroz, ela dividia meio pacote de arroz praquela pessoa pra ficar com meio. Então ela nunca se envolveu com trabalho social assim fora aqui do Quilombo, mas esse tipo de coisa que ela via lá no postinho que tinha uma mulher triste, sem roupa, sem isso, aquilo, o que ela pudesse largar o serviço dela e vim aqui, pegar uma roupa dela pra levar pra uma pessoa que tava no postinho, ela fazia isso (informação verbal).

Quanto a Adão, assim é lembrado pelos filhos: um bom pai, curandeiro, plantador, batuqueiro (de umbanda), engraxate, trabalhador. Baixinho e gordinho, como diz Batista, Adão tinha uma deficiência em uma das pernas que puxava para caminhar. Nara e Batista, os mais velhos, têm maiores lembranças do pai que faleceu quando Geneci tinha três anos

³ SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (68 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

e que Ana Paula nem chegou a conhecer. A história narrada por Geneci, portanto, vem do acúmulo da oralidade, do resgate do passado que ela mesma iniciou na comunidade. Quando a questioneei de onde eles vinham, ela resumiu boa parte da história do Quilombo que, abaixo, consta somente em parte.

G: Bom, a minha mãe vem do Quilombo dos Alpes, meu pai vem de Bom Retiro do Sul, meu pai era curandeiro, né, se instalou nas bacias ali da Cidade Baixa. Primeira moradia dele, junto dos quilombos que tinham entre ali, que são um povo acolhedor, são povos que abrem as portas pros nossos irmãos que precisam. Que jamais vira as costas pros nossos irmãos quando precisam. Primeiro casamento dele, conheceu a primeira mulher ali mesmo, na Cidade Baixa, que ela ia nos terreiros lá, ela gostava de acompanhar lá os terreiros, as lutas, a capoeira, tudo que a nossa cultura oferece.

G: Tempo se passou, ele se espalhou porque ele era engraxate e ele gostava de engraxar na Praça XV, a raiz dele ali do centro, pessoal que ele conhecia, apesar de ele ter vindo da Cidade Baixa ali onde tinha quilombo, ficou ali porque quando ele saiu de Bom Retiro do Sul foi o primeiro lugar que acolheu ele, né. Então ele teve, ele sentiu que ali tava firme, ele sentiu que lá tinha irmãos de cor, irmãos de luta, então ele não largou o centro assim. Foi trabalhar na Cidade Baixa, engraxar sapato na Praça XV, trabalhou anos e anos lá e no meio tempo ele trabalhava pros Azambuja aqui. Dona Diva faleceu e ele continuou a mesma rotina dele, tocava na Casa de Umbanda da Gruta ali, né, viveu a vida dele, trabalhava de engraxate, se virava como ele podia né, como todo povo brasileiro se vira de uma maneira ou outra. E ali ele conheceu minha mãe, que minha mãe frequentava o terreiro, que minha mãe era amiga da prima dele. Minha mãe veio do Quilombo dos Alpes, frequentava a casa, ele batia tambor ali né, fazia as ervas dele, que ele dava banho de erva.⁴

Estão destacadas, em negrito, algumas informações que manifestam o sentimento de pertencimento ao espaço, seja ao Quilombo em si, seja aos demais espaços que Adão, Diva e Rosa frequentavam. Como o fato de, segundo Geneci, Adão sempre voltar à Praça XV onde “ele sentiu que ali tava firme, ele sentiu que lá tinha irmãos de cor, irmãos de luta, então ele não largou o centro assim”⁵. A autoidentificação com seus companheiros, seus irmãos de cor, como diz Geneci, é, portanto, um dos fatores que o fazem se sentir pertencente dali. Essa identificação também passa pelo sentimento de acolhimento, considerando que Adão tinha recém-vindo sozinho do interior para a capital.

⁴ SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (68 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

⁵ *Op. cit.*

Logo adiante, Geneci comenta que a primeira mulher de seu pai, Diva, “ia nos terreiros lá, ela gostava de acompanhar lá os terreiros, as lutas, a capoeira, tudo que a nossa cultura oferece”. Essa fala também traz à tona os atos culturais mais evidentes e tradicionais da cultura africana que a faziam se sentir parte – os encontros tinham a finalidade de realizar trabalhos espirituais. Adão encontrou e foi encontrado por suas duas esposas, Diva e Rosa, em casas de umbanda. Isso também nos mostra que as raízes do Quilombo Flores estão intimamente ligadas às casas de religião afro. Foi a partir desses encontros nos terreiros que nasceram os filhos, os filhos dos filhos, os filhos dos filhos dos filhos, que hoje dão continuidade a essa história.

Infância na natureza: brincadeiras no verde da mata

Alguns anos atrás, quando Geneci, Batista e Nara eram crianças, a infância no Quilombo era vivida na natureza. O Caveirinha, campo de futebol onde se reuniam para jogar, brincar de pega-pega e esconde-esconde, subir em árvores para colher frutas, hoje virou um estacionamento: as árvores foram todas derrubadas. O arroio Taquara, ao qual se tem acesso pelos fundos do quilombo, onde as crianças brincavam de cipó – se penduravam no cipó e balançavam de um lado para o outro do arroio –, hoje está poluído, cheio de lixo jogado, não é mais frequentado. As crianças de hoje no Quilombo ficam, como quase todas as crianças que estão crescendo nessa geração, bastante tempo atrás das telas de led, jogando jogos no celular ou no computador. As memórias registradas aqui são uma forma de manter vivos os espaços onde costumava circular a vida, as crianças correndo, as risadas altas, os jogos e brincadeiras. No trecho a seguir, Geneci relembra a surpresa e a alegria das outras crianças da rua, que ela recorda como “as crianças brancas”, com as formas de brincar dos pequenos quilombolas.

G: [...] os vizinhos brancos, né, os meus amigos também que eram brancos né, como eu tinha te falado, tinha bastante gente branca aqui na rua, depois que as pessoas pretas foram embora, foram mandado pra outro lugar bem longe, bem distante, os vizinhos vinham aqui pra brincar e ficavam surpreendidos com o cipó, ficavam surpreendidos com nossas brincadeiras né, brincadeira de bolita, que é o cipó no riacho cascata, ficavam surpreendidos com a brincadeira do tabuco. Que a gente pegava taquara, botava bolinha e fazia uns tabuquinhos. Então eles ficavam surpreendido com esse tipo de brincadeira.

[...] Pra eles era diferente a nossa brincadeira, entendeu? Porque a gente não tinha brinquedo, a gente não tinha boneca, a gente não tinha videogame, a gente não tinha *skate*, a gente não tinha nada disso que eles tiveram, entendeu? Era brincadeira simples, mas eram brincadeiras gostosas, sadias. Como te falei, esse tabuco, as latas aquelas, a gente pegava as latas de Nescau, botava cordinha, fazia corrida com a lata de Nescau. Bolinha de sabão, que a gente pegava as folhinhas de bananeira ali, pegava a bolinha. Enquanto eles tavam pegando canudo, bababá, a gente não, a gente pegava na natureza. Então pra eles também, eles gostavam de brincar aqui por causa disso, era tudo original (informação verbal, grifos meus).⁶

No trecho acima, Geneci traz à tona a diferença sentida e vivida por sua geração de crianças negras da Rua Manduca Rodrigues, no bairro Glória, no final da década de 70 e início de 80. Diferença expressa principalmente na cor da pele e no tipo de brincadeiras realizadas de acordo com os acessos que se tinha (ou não) a brinquedos – expresso na criatividade dos pequenos ao inventar, cocriar formas de brincar junto da natureza. “Bolinha de sabão, que a gente pegava as folhinha de bananeira ali, pegava a bolinha. Enquanto eles tavam pegando canudo, *bababá*, a gente não, a gente pegava na natureza”. Para Carlos (2007), os lugares podem ser analisados “enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso”. Aqui notamos que o espaço foi bem apropriado por estas gerações. Ana Paula, que é mais nova das entrevistadas, nascida nos anos 90, integrou a última geração de crianças que ainda conheceu o arroio limpo e o Caveirinha antes de virar um estacionamento.

A: [...] Ali onde eles cortaram o muro, pra lá, o que eu vivi lá brincando com meus irmão, meus primo, meus filho já não curtiram. O arroio ali embaixo onde a gente tomava banho, andava de cipó e coisa meus filho já não curtiram, fico triste por isso né. A nossa infância aqui era boa. Depois, né, vieram aí, derrubaram tudo, e os filhos da gente não curtiram nada que a gente curtiu. Não é fácil.

A transformação do espaço marca a presença da nostalgia, quando Ana olha para o local onde suas memórias se construíram, vê que agora já não está mais lá e sente que seus filhos não terão as mesmas oportunidades de construir suas próprias memórias em

⁶ SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (68 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

um espaço aberto, comunitário e com natureza preservada. Para Bosi (2003), a nostalgia revela a crítica da sociedade atual e um desejo de que o momento presente e o futuro devolvam algo precioso que foi perdido. É como se a própria memória de alguma forma morresse diante da ausência do espaço em que nasceu. Essas transformações vividas pelas diferentes gerações são mudanças em toda a geografia do bairro que reflete (e também é reflexo de) uma mudança de valores e paradigmas.

Bairro que cresce – a pequena cidade na cidade

O bairro é esse lugar tecido por memórias coletivas, no sentido de que não se trata do lar individual e reservado típico da burguesia, mas sim de um espaço compartilhado e construído em uma dimensão mais pública do que privada, como são alguns lares da periferia. Ao mesmo tempo, esse bairro é também formado pela união de tantos lares, refúgios, lugares de acolhimento e familiaridade. Lares que às vezes são prédios, condomínios... Os bairros urbanos vêm historicamente sendo alvo de intensas transformações em sua arquitetura que agora tapa o sol e rouba o horizonte. “O que ainda resta na metrópole explodida, aqui e ali, são pequenos movimentos em torno da manutenção de pequenas áreas dos bairros”, afirmou Carlos (2008, p. 46). Nas memórias de Batista e Geneci sobre o bairro, é possível perceber bem o recorte de classe na forma de viver e sentir o espaço das ruas “fora de casa” – Batista ia pedir comida nas casas vizinhas quando faltava na sua, Geneci ia visitar sua prima no morro e se sentia mais pertencente lá do que no bairro Glória.

B: Aí tá, ele (meu irmão Chico) teve ontem aqui. Eu andava com ele, nós brincava, eu brinquei também. Nós passava fome, pedia pão nas casas, nos apartamentos aqui de cima, esqueci o nome daqueles apartamento ali. Nós batia de casa em casa pra pegar comida.

L: O pombal?

B: É, pombal, aquele ali. Nós batia até em apartamento, guria, pra pegar comida, que nós não tinha.

L: Quando isso?

B: Quando eu tinha uns 15, 16 anos. Eu amanhecia na rua, eu com meu irmão, ficava no posto 27, engraxava sapato dos taxistas (informação verbal, grifos meus).⁷

Foi na entrevista com Batista que percebi nossas referências em comum do bairro – eu cresci no bairro vizinho, o Teresópolis, justamente na rua onde fica o prédio conhecido na região como pombal. Morei em uma casa fechada, da qual saía para ir ao colégio e do colégio voltava para a casa. Como não tinha “vizinhos de prédio”, eu ia caminhando até o pombal para encontrar outras crianças e brincar, jogar bola, tudo dentro do condomínio – que, na época, já era gradeado. Alguns anos antes de eu nascer, Batista também frequentava o pombal e caminhava pelas mesmas ruas. Como ele mesmo disse, “Nós batia até em apartamento, guria, pra pegar comida, que nós não tinha”. Naquela época, ainda não havia grades ao redor dos prédios, não havia porteiro ou zelador, e talvez – ousaria dizer – não houvesse tanto medo.

O espaço vivido, no entanto, era completamente outro. E isso se deve principalmente aos marcadores sociais que também nos diferenciam, como a classe e a raça. Batista ainda fala que ele amanhecia na rua com o irmão, quando engraxavam os sapatos dos taxistas. Nesse trecho, o pertencimento aparece novamente em relação à tradição, à ancestralidade e à classe – o pai era engraxate, a classe trabalhadora.

Para Nara, as transformações do bairro acompanham as mudanças de vizinhos que dali partiram ou ali chegaram.

L: Tu te lembra em que momento que começou a mudar, assim, a... a cara do bairro?

N: Ah, quando os pessoal mais velho começou a morrer, né. Começou a vir gente nova, começou a morrer pessoa, o pessoal mais velho se mudaram, e aí terminou. Aqui da frente mesmo, os vizinhos daqui da frente, uns morreram, outros foram embora, ali, venderam. Lá da esquina também não é os mesmos, são outras pessoas diferentes. Tudo pessoa diferente. Aí muda né. Começou a ficar mais vazio o bairro. Não era aquela alegria toda que tinha. Tinha festa de dia de São João, tinha festa, tinha fogueira aí pra baixo, que o pessoal fazia. Juntava todo mundo também. Agora terminou tudo. Vai mudando né. Naquela

⁷ VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (44 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

rua de cima que vai pro Maccari ali também, tudo pessoas novas, tinha era tudo pessoas antigas (informação verbal, grifos meus).⁸

As transformações mais sentidas no bairro, e também aquelas das quais os entrevistados mais parecem sentir falta, são as que indicam uma mudança na prioridade da dimensão do público para o privado. Os espaços compartilhados, como a mencionada festa de São João, que acontecia na rua, e o próprio Caveirinha como o campo de futebol em que todos se encontravam, começam a dar lugar para uma experiência de bairro cada vez mais privada, com menos indivíduos compartilhando a vida, em espaços cada vez mais fechados – com grades, cerca elétrica etc.

Destruição. conflitos e solidariedade: do incêndio no território ao conflito com os maristas

A história do povo quilombola, como vimos brevemente, é marcada por sofrimentos, fugas, acolhimentos, alegria, força, luta, muita cocriação coletiva para que cada aquilombamento seja uma comunidade autônoma. No Quilombo Flores, em específico, há uma tragédia que alguns entrevistados mencionam – um incêndio que ocorreu na casa de Adão na década de 1980, em que foram perdidas quase todas as fotografias dos ancestrais. Praticamente tudo que era material de registro da família foi levado pelo fogo naquele dia. Depois do incêndio, houve uma onda de solidariedade dos vizinhos que se uniram para doar materiais de construção e roupas.

N: [...] Inclusive nós tinha, teve um acidente com nós também. Pegou fogo na casa, queimou toda a casa. Os vizinho tudo ajudaram. Cada um deu uma madeira, cada um deu telha, todo mundo ajudava.

N: (no ano de) 83 pra 84. E foi bem antes de ele falecer. E aí como ele comprava, tinha o botijão de gás cheio, isso ajudou mais, sabe? Porque daí começou a queimar, estourou o botijão, e aí queimou tudo. Ficamos sem nada, nada, nada. Mas no mesmo dia, foi de tardezinha, no mesmo dia o vizinho já trouxe uma barraca, outro dia o outro já trouxe uma tábuas, o outro já trouxe uma telha, quando tu viu, uma semana a casa tava pronta. Todo mundo ajudou,

⁸ VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (38 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

todo mundo. Então por isso que eu digo, agora mudou tudo, uns morreram, outros foram embora, mas antigamente a gente tinha vizinhos bons aqui. Muito bom. Até os vizinhos do mercado ali também. Também, aqueles ali sempre ajudaram. Sempre, sempre. É assim (informação verbal, grifo meu).⁹

Se, por um lado, acontecem alguns desastres, por outro, sempre há mãos vizinhas dispostas a ajudar na hora do aperto. Como contou Nara, em uma semana de doações e trabalho, já havia uma nova casa. Batista ainda lembra que, se não fosse um vizinho, seu pai Adão poderia ter morrido nesse incêndio. “O véio tinha problema na perna, era baixinho, né (...). Um vizinho mesmo que ajudou a tirar ele de casa”, comenta Batista. Em determinado momento, perguntei a Batista se ele tinha fotos do pai para mostrar. Ele respondeu que não, que “tinha tudo ali, mas pegou fogo tudo. Foi tudo”. O incêndio aparece aqui como esse elemento fogo descontrolado que também destrói algumas memórias materializadas e cria outras vividas.

Já no conflito com os maristas, a solidariedade entre os quilombolas ficou ainda mais evidente para os Flores. Foi justamente entre 2014 e 2015 que os Flores começaram a reunir a documentação com sua história para então solicitar a certidão de autodefinição à Fundação Cultural Palmares (FCP). Essa certidão foi concedida em 15 de agosto de 2017 pela então diretora do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro, Carolina Conceição Nascimento. Ainda antes de receberem a certidão, os quilombolas começaram a se organizar politicamente com a Frente Quilombola RS, que hoje reúne os oito quilombos de Porto Alegre em reuniões, assembleias, mobilizações populares pela defesa e preservação de cada território.

Eu sei que eu tava com meus dois filhos deitada quando a gente começou a escutar barulho de quebrando um monte de coisa, derrubando, a gente foi ver e eram as máquinas. Daí eles já tavam ali na parede da minha casa, vindo com as máquinas, foi onde eu saí pra rua com as duas crianças e enfrentei eles sozinha. Eu falei que ali não. Até então eles não fizeram nada, mas daí de noite foi a pior coisa, né, eles ficaram ali tocando pedra, o segurança deles ameaçando nós, né. Daí a gente achou que tinha passado, que eles iam parar, e depois de uma semana eles foram descendo metade ali do muro. Foi onde meu pai viu, que eu não tinha visto porque tava fazendo minha nenê dormir, meu

⁹ VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (38 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

pai viu, foi onde eu vim correndo, botei o pé e derrubei tudo. Daí eu falei que ali eles não iam mexer, foi onde eles não mexeram, mas o resto eles botaram muro em tudo. Destruíram a infância dos filhos da gente, na real (informação verbal).¹⁰

Por trás da saudade que aparece na fala de Ana Paula, Geneci, Nara e Batista sobre o tempo que não volta mais, da nostalgia de algo perdido na eternidade, está a brutalidade das relações do capital na cidade – essa chegada dos homens com máquinas, ferramentas, agressividade e ausência de diálogo. Junto à chegada da violência, vem também a solidariedade que ameniza os conflitos duros. Os então sete quilombos de Porto Alegre se solidarizam ao Flores, unem forças com outras entidades e organizações para, inclusive atualmente, organizar a distribuição de cestas básicas durante a pandemia, campanhas permanentes de arrecadação para os quilombos, criação de hortas, entre outros projetos coletivos, cocriados entre parceiros. O sentimento de “ser invadido”, porém, permanece.

Ser quilombola: o resgate da história pela autoidentificação

O movimento de conscientização política da família Flores se deu a partir do momento em que Geneci decidiu, entre 2013 e 2014, que iria atrás da história de sua família para poder resgatar e preservar algumas memórias e experiências e, a partir delas, solicitar a certificação de autodefinição enquanto quilombo à Fundação Cultural Palmares. Dos integrantes da família que entrevistei, quase todos já tinham escutado a palavra “quilombo” em telenovelas, mas nunca haviam se identificado com ela. O que aconteceu depois da entrada das palavras quilombola e quilombo na vida das mais de 40 pessoas cadastradas como integrantes do Quilombo Flores (que não necessariamente moram no território, mas fazem parte de sua história) foi uma transformação profunda na sua identidade.

L: E quando vocês se autorreferenciaram quilombola aqui, né, o território sendo um quilombo. Tu já conhecia esse termo, já tinha alguma relação?

¹⁰ VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Entrevista III** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (21 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo D desta monografia.

N: Eu via nas novela, né, na televisão que tem nas novelas, os escravos geralmente moram nos quilombo né. Então sempre tinha essa base das novela que eu via, dos filme, mas muita gente aqui ficou admirada, porque não sabiam né. Aí a maioria das pessoas não sabiam que existia. E eu via mais nos filme, nas novela. E eu não sei, eu tenho... eu tenho aquele probleminha que quando tu te machuca tu não cicatriza. Isso aqui eu vi muito, geralmente os escravos têm isso. Eu tenho até aqui também ó (*mostra queleide por baixo da camiseta*). Essa marca, quando os senhores queimavam os escravos, eles ficavam com essa marca aqui. E eu tenho essa marca. Eu acho que eu sou neta de escravo ou bisneta de escravo. E não tem jeito porque eu já fiz três plástica aqui e o médico disse “a senhora vai fazer três plástica e não vai adiantar porque isso aí é da tua pele mesmo”. [...] E aí é um sinal que eu vi (informação verbal).¹¹

A palavra quilombola, para Nara, remete diretamente à escravidão. Foi a partir dessa identificação da família enquanto quilombola e dos movimentos de aceitação de quem eles são, como negros e negras, que Nara olhou com mais carinho para sua cicatriz, para o queleide. Antes, queria remover, fazer cirurgia, ficava incomodada com a marca em seu corpo. Hoje, ela olha e diz que gosta, que isso mostra sua ancestralidade. Só um pequeno exemplo de como a autoidentificação como quilombola e a honra à ancestralidade africana transformam os sentimentos deles sobre eles mesmos. Já Geneci traz a importância do reconhecimento enquanto pretos e quilombolas para saber como se defender diante de situações de racismo.

Tu, querendo ou não, o preto querendo ou não se autodeclarar, querendo ou não ouvir, vai se obrigar a ouvir porque são coisas que a gente tamo botando no jornal, tamo botando na televisão, tamo botando no rádio, entendeu? Tentar pelo menos se conscientizar um pouco, né. E conscientizar, e não só conscientizar, quem não quer lutar pelos seus direitos, quem não quer se reconhecer, que dê uma oportunidade pro seu filho, pro seu neto, né. Que dê uma oportunidade pra eles dizer “não, mãe e vó, eu quero me autorreconhecer mesmo, porque eu sou preto mesmo” [...]. É uma oportunidade que eles tão tendo de se autodeclarar, de reconhecer sua história verdadeira, né.¹²

¹¹ VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (38 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

¹² SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I** [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo mp3 (68 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

Também podemos notar aqui a importância dada aos meios de comunicação de massa enquanto difusores de informação à população – “o preto querendo ou não se autodeclarar, querendo ou não ouvir, vai se obrigar a ouvir porque são coisas que a gente tamo botando no jornal, tamo botando na televisão, tamo botando no rádio”. O desejo de Geneci a partir do seu autorreconhecimento e de sua família é, em uma crescente, facilitar a experiência do reconhecimento para que cada vez mais pessoas negras possam se reconhecer, viver esse processo de aceitação de si e de honra de sua ancestralidade. Esse resgate das memórias, no entanto, não foi simples e fácil, já que implicava também relembra a dor sofrida por seus antepassados escravizados.

Por ser um povo sofrido, por minha mãe ter sofrido, por minhas tias terem sofrido, por isso eles não se autodeclaravam né, porque eles não queriam voltar tudo de novo. A partir do momento em que eu resgatei a minha história, e eu botei pra eles, coloquei pra eles, eles se autodeclararam, sabe, eles se reconheceram como isto. Porque é realmente isto. Daí eles decidiram. Bah, que tinha uma pessoa que, pra lutar pelos seus direitos, entendeu. Daí foi bom por causa disso. As minhas primas que não tinham essa visão começaram a ter essa visão, começaram a passar pras filhas delas, então é legal. É legal tu ser a fonte disso, entendeu. Tu poder ajudar por se autodeclarar quilombola, poder dar apoio, né, pros parente.¹³

Considerações finais

O percurso de estudo apresentado nessa pesquisa nos permite aferir que estamos há anos vivendo sob o paradigma da separação simbolizado pelo muro – de um lado o colégio marista, do outro o quilombo; de um lado brancos, de outro negros; de um lado a classe trabalhadora, do outro a burguesia. Para que possamos romper os paradigmas de separação rumo à construção da união, no entanto, é preciso coragem para ver a verdade da humanidade com suas luzes e sombras em ambos (ou múltiplos) lados dos muros que invariavelmente criamos em nossas vidas – dentro e fora de nossos corpos.

Ao identificar os valores que nos fazem pertencer aos espaços que habitamos, também percebemos que toda ação praticada na ausência de diálogo corre o risco de se tornar autoritária. É preciso aprender na prática dos quilombolas aquilo que ensinam em

¹³ *Op. cit.*

sala de aula no Colégio Marista: compartilhar, por menor que seja a fatia, o pão entre todos.

Em uma dimensão antropológica e social, verificamos que todas as diferenças inscritas nos marcadores sociais que nos constituem necessariamente nos fazem ter experiências completamente distintas de cidade e de vida em uma cidade que cresce violenta. Isso acontece justamente porque a expansão é baseada em valores mercantis e não em valores humanos e de uso do espaço. A maior evidência é o Caveirinha ter sido substituído por um estacionamento.

Identificamos também que o sentimento de pertencimento dos quilombolas ao espaço habitado está completamente associado à sua ancestralidade, o que nos leva à importância do acionamento e da preservação de memórias em uma época de instantaneidade e volatilidade da informação. Se hoje há uma aparente urgência na criação de uma nova sociedade, um novo mundo na era da informação, os quilombolas urbanos nos lembram que há muita riqueza de informação nas experiências passadas e que muitas respostas para as perguntas que colocamos no horizonte do futuro estão ancoradas no passado, na calma no passo dos anciões que já viveram muito e compreendem a necessidade de se caminhar devagar.

Referências

- AUGÉ, Marc (1992). Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Letra Livre, 2016.
- BARTHES, Roland (1982). O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1939. 1ª. ed.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 4ª. ed.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.
- FELIPE, Márcia Leyla de Freitas Macêdo. O protagonismo feminino: Comunidade Quilombola Sítio Arruda em Araripe – Ceará. Unisinos, 2018.
- FIABINI, Adelmir. Os quilombos no Rio Grande do Sul: resistência e negação à ordem escravista. In: Anais Eletrônicos – IV Encontro Internacional de História Colonial, Mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades. UNEB. Salvador: Eduneb, 2017.
- GEERTZ, C. (1926). A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HAESBAERT, Rogério (Org.). Escritos sobre espaço e história. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, cap. 1, p. 27-54.
- HAESBAERT, Rogério (2004). O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 10ª. ed.
- HALL, Stuart. (1992) A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ª. ed.
- HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2016.
- MAESTRI, Mario. Pampa negro: Quilombos no Rio Grande do Sul. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 290-331.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1922). Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.
- TUAN, Yi-Fu. (1930). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em 23 de outubro de 2021 | Aceito em 01 de novembro de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional